

«CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS FARÁ LIVRES» (Jo 8,32)

Uma história que continua

Lição de Fabio Colombo

Bom dia! Sejam bem-vindos! Espero que tenham “sobrevivido” à introdução de ontem à noite e até ousar esperar que vos tenha sido útil, que tenha começado a despertar o sono da razão para os que a tenham adormecida, a acordar o tónus muscular da vossa liberdade, caso esteja em baixo de forma; que tenha começado a fazer bater o coração tal como ele “exige”, caso esteja esclerosado, a desanuviar a névoa entre os pensamentos e, sobretudo, que vos tenha feito ter ainda mais fome e sede de se embrenhar neste Tríduo, porque hoje, nesta meditação matinal e no gesto imponente da *Via Sacra* à tarde, encontraremos abundância de alimento e de água. Ontem à noite ficámos mais nas linhas laterais, ainda entre os balneários, o túnel, o banco dos suplentes e os exercícios de aquecimento, mas hoje vamos entrar em campo e vai começar o grande jogo!

Depois, espero que ontem à noite, nos autocarros e nos hotéis, se tenham ajudado uns aos outros a manter o silêncio, a favorecer o diálogo e a iniciativa que o Mistério tomou com cada um de vocês, mantendo no coração as perguntas e as intuições que surgiram (que poderão ser depois partilhadas ao retomar o texto no hotel e na assembleia amanhã de manhã) e, finalmente, espero que tenham dormido um bom sono reparador, sem enviar mensagens até à meia-noite, porque a noite foi criada pelo bom Deus para dormirmos em santa paz, depois de ter repensado o dia e ter contemplado os sinais da Sua Presença (alguns rostos encontrados, intuições que se teve, o desejo de mudar e de conversão, ter recebido uma visita gratuita, a caritativa, ter recebido o perdão do Pai no sacramento da Reconciliação, por exemplo); quão pacificador é rezar Completas, com o Cântico de Simeão: «Agora, Senhor, segundo a vossa palavra, deixareis ir em paz o vosso servo, porque os meus olhos viram a salvação, que oferecestes a todos os povos: luz para se revelar às nações e glória de Israel, vosso povo»;¹ e, se calhar, ontem à noite algum de nós adormeceu feliz, finalmente feliz, inesperadamente feliz, como uma criança ao colo da mãe, da Santa Madre Igreja, porque se reconheceu como parte de um povo e de um Corpo, desta história que continua hoje, abraçando-te.

Esta manhã gostaria de dividir o tempo, *κρόνος* à disposição em dois tempos, *καιρός*, que refletem as duas partes do tema abordado neste Tríduo.

Então, força e coragem, que isto não são histórias da carochinha: «Jesus Cristo, ó minha filha, não veio para nos contar frioleiras. / Durante o pouco tempo que tinha. / Que são três anos na vida de um mundo? [...] Ele não tinha tempo a perder, não perdeu o tempo a contar-nos frioleiras e a dar-nos charadas a adivinhar!»² Jesus respondeu a Pilatos: “Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz”. Pilatos replicou-lhe: “Que é a verdade?”³ Pilatos tinha Jesus diante dele, mas estava ocupado com outras “prioridades”... »

¹ Cfr. Lc 2, 29-32.

² Ch. Péguy, *O pórtico do mistério da segunda virtude*, Grifo, Lisboa 1998, p. 98.

³ Jo 18, 37-38

»

Primeiro tempo – «Conhecereis a verdade»

1. A perda do gosto de viver

Para começar, gostaria de mencionar uma poesia de Cesare Pavese, um grande escritor, poeta, tradutor e crítico literário italiano, que nos ofereceu, através dos seus escritos, a expressão do que experimentou na vida, ou seja, todo o drama que a existência não lhe poupou; por esta razão, sentimo-lo muito semelhante a nós. Logo a seguir, vamos entrar no tema deste Tríduo, que é sobre a *dinâmica do conhecimento*; ou seja, sobre a possibilidade de sermos alcançados e possuídos pela verdade e, no segundo tempo, depois de três cânticos, sobre o seu “efeito”: *fazer de nós pessoas livres, tornar-nos livres*.

Uma vez que não temos tempo e nem sequer é este o fórum, dou-vos, só para enquadrar, algumas informações sobre a breve existência (42 anos) de Cesare Pavese, que nasceu em 1908 numa família abastada de Turim. Cedo perdeu o pai e viveu em pequeno os acontecimentos catastróficos da Primeira Guerra Mundial. Dois amigos seus, jovens como ele, suicidam-se, e ele próprio pensa nisso desde jovem. A 28 de agosto de 1950, de facto, também ele viria a terminar com a vida. Mas alguma coisa destoa, porque nesse ano, Pavese tinha sido consagrado como grande escritor, um mês antes, a 14 de julho de 1950, tinha recebido o *Premio Strega* [nt: o prémio literário italiano de maior prestígio] e, ainda assim, escreveu: «Regresso de Roma, ao fim de um certo tempo. Em Roma, apoteose. E então?»⁴

A 22 de março de 1950, uns meses antes, tinha composto a poesia *Virá a morte e terá os teus olhos*:

*Virá a morte e terá os teus olhos
esta morte que nos acompanha
desde a manhã à noite, insone,
surda, como um remorso antigo*

ou um vício absurdo. Os teus olhos [o olhar de quem nos rodeia, dos amigos, dos pais, dos professores, dos irmãos, da televisão, das redes sociais...]

serão uma palavra vã, [como num filme mudo, falam, mexem a boca, mas é como se eu fosse surdo, são como uma música de fundo que não se ouve, não nos alcançam, são apenas sons vazios...]

um grito calado, um silêncio. [tudo se move à nossa volta, mas nada é acolhido e interceptado, evitamos o impacto, o impacto do real faria explodir um grito que está, ao invés, apagado no silêncio... pelo contrário, tudo está calado]

Assim tu os vês cada manhã

quando te inclinas sobre ti mesma [quando te arranjas para sair, te preparas para o exterior, mas por dentro, como é que o coração está, que perguntas o habitam? Será levado a sério? Encontrará repouso?]

no espelho. Oh querida esperança, [permanece um anseio, um vislumbre... mas vai-se apagando]

naquele dia também viremos a saber

que és a vida e és o nada. [conclusão trágica!]

Para cada um a morte tem um olhar.

Virá a morte e terá os teus olhos.

Será como abandonar um vício,

»

⁴ C. Pavese, *O Ofício de Viver*, Relógio d'Água, Lisboa 2004, p. 379.

» *como ver no espelho
ressurgir um rosto morto,
como escutar um lábio fechado.
Desceremos mudos ao turbilhão.*⁵

O tema desta manhã – como veem – não é um “por assim dizer”, ou algo que já se ouviu mil vezes! Um de vocês, nos contributos que enviaram, falou sobre estudantes, colegas de escola ou vizinhos que acabaram com a própria vida ou que, pelo menos, pensaram em fazê-lo; há pouco tempo, circulou nos jornais a notícias de uma rapariga que foi encontrada enforcada na casa de banho de uma universidade em Milão. Percebem que se as perguntas de ontem à noite não encontrassem uma resposta, se não encontrassem um encaixe, se nunca agarrassem a presa, o homem não poderia viver, literalmente! Falei ao telefone com uma de vocês que me contou que um amigo seu estava indeciso sobre inscrever-se no Tríduo, porque ele quer respostas verdadeiras, rigorosas e concretas, e não quer “conversinhas”, “mantendo aberta” a pergunta; a nós interessa-nos a resposta, tanto quanto interessa a pergunta! Claro, não nos interessam resposta coladas a cuspo à realidade, ou pré-concebidas, tal como não nos interessam perguntas meramente artificiais. Mas se nunca tivéssemos uma resposta verdadeira e não verificássemos a sua pertinência e conveniência para a nossa vida, arrastar-nos-íamos na existência a sufocar logo, se calhar entre um charro e outro (erradamente, sem repararmos no grave que é e no mal que faz!), entre um copo e outro (como se fosse um hábito comum, em que “ao fim e ao cabo, está-se bem!), entre consumir uma e outra relação (aproveitando-se e usando as pessoas como instrumentos para proveito próprio, em vez de as amar, honrar e respeitar), de emoção em emoção (passando por cima da razão e do coração, do juízo sobre as coisas que se experimenta), como uma vida que, na realidade, é um arrastar-se em lenta agonia. Porque, apesar do instinto biológico de autoconservação, o homem é aquele nível da natureza em que esta toma consciência de si e da realidade; assim, se não agarra o significado, se a vida for vazia de significado, não existe vida, de que vida se trata??! Como é possível viver a despachar as grandes perguntas que nascem da vida!? E quando a razão, sendo exigência insuprimível de uma resposta, chega ao ponto de ficar bloqueada no seu dinamismo de conhecimento, como quem sofre de uma doença autoimune; quando chega ao ponto de concluir que «és a vida e és nada», que até os olhos da pessoa amada, do amigo são «nada», que as palavras são uma «vã palavra», e que aquela «esperança», que talvez tenha sido despertada exatamente por essas realidades, não cumpre a promessa, e então tudo se transforma em resignação, em desespero, e o que é que sobra senão ficar mudos e em silêncio no turbilhão, naquele turbilhão em que já se estava, na verdade. A doença espiritual destas duas últimas décadas, meus caros, é exatamente a perda do gosto de viver, do significado da vida, como dizíamos ontem à noite; mas a questão não é que uma pessoa não se divirta, ou não viaje, ou não faça desporto, ou não ganhe dinheiro, ou não vá aos concertos... A questão é que não conhece o significado da vida e arrasta-se, entre diversões; é que sirva de anestesia para a dor, como o fim de uma festa que nos volta a deixar vazios e apagados... exatamente como já se estava dantes daquele *pico* de “vida”, num lento deslizar, sem um objetivo para a existência. Mas que vida é!?

Escreve uma de vocês:

Estou num momento um bocado estranho da minha vida. Acabei de sair de um período de aborrecimento e apatia, em que não me espantava com nada e não me queria espantar. Nem sequer reparava que estava a viver: levantar-me da cama era sempre uma luta, na escola era tudo monótono, até com os amigos; não sentia nada, para mim tudo era indiferente »

⁵ C. Pavese, *Verrà la morte e avrà i tuoi occhi*, Einaudi, Turim 1951, p. 29.

» e insignificante. Durante algum tempo, fiz uma pausa com tudo e com todos, assim tinha menos problemas e menos situações inconvenientes. Eu sabia que estava a fazer uma coisa errada, de vez em quando pensava nisso, mas na verdade tudo era mais cómodo: não me zangava, não ficava chateada com nada, não ficava triste nem insatisfeita, etc. No fundo, não sentia emoções, era um robot. Agora está a acontecer o contrário. Não sei bem o que aconteceu, mas ajudaram-me a perceber que não se pode pôr a vida em pausa, não é mesmo possível; aliás, tenho de a viver da maneira mais verdadeira a mais viva que existir e que eu puder. Agora sinto dentro de mim a necessidade de completar alguma coisa. Vivo de uma espera. Existe um vazio (a espera) que precisa de ser constantemente colmatado, que é infinito; quando pensas que o preencheste, cria-se um abismo ainda maior do que antes, porque o homem quer sempre mais. E aumenta continuamente. O desejo cresce e quase que dá cabo de ti. Eu espero alguma coisa que não sei o que é, talvez Alguém. Isto deixa-me um sentido de incompletude e de vazio, que se transformou numa ânsia constante que me persegue.

Então, o que temos dito, o que vamos dizer, ainda que possa parecer complexo nos próximos minutos (mas vocês são crescidos e nós olhamos com vocês com estima pela vossa inteligência e pelo vosso desejo de perceber, de entrarem cada vez mais na vida, em toda a sua complexidade)⁶ é utilíssimo, serve como ajuda e sustento no caminho que vocês são chamados a fazer, porque o que nos interessa (penso que vos interessa muito!) é este viver, e não um “vai-se andando”! Então, é preciso ajudarmo-nos a refletir, a parar um bocadinho, a pensar, a aprender: *intellectus cogitabundus initium est omnis boni*, como o Giuss gostava de repetir!⁷

2. A dinâmica do conhecimento: das coisas reais às mais reais (*a realibus ad realiora*)

Agora vamos abordar a dinâmica do conhecimento, ou seja, o acontecimento do encontro entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido, entre o eu e a realidade, entre mim e o microfone, entre ti e o teu amigo; depois, ao longo do ano, vão trabalhar sobre tudo isto, retomando com mais profundidade este capítulo da existência no trabalho da “Escola de comunidade – Raggio” sobre *O Sentido Religioso*⁸; na minha modesta opinião, não existe nada mais útil do que *O Sentido Religioso*, para lançar as bases, para compreender a gramática; mas a gramática não pode ser mastigada por outros adultos que vo-la dão em forma de homogeneizado. Cada um tem de aprender o alfabeto para aprender a escrever. Ora bem, vamos falar disto, mas só no que interessa aos nossos objetivos.

A realidade não é muda, mas tem “três dimensões” e tem uma “voz lá dentro”, um ponto de fuga! Não é nada, como acham os niilistas, seria uma aporia! Começo assim: a realidade existe! E é sinal! A nossa razão, que nos distingue dos outros seres criados e pertencentes ao mundo mineral, vegetal e animal, o nosso intelecto está feito para penetrar na realidade (*intus-leggere*, ler por dentro), para indagar, para investigar até onde ela nos conduz (como um investigador que recolhe indícios e reconstrói a cena até encontrar o autor do crime; ou o médico que, com base nos sintomas, formula uma hipótese de doença e de intervenção para a cura do doente); este é o dinamismo que nós traímos, quando o bloqueamos ou não o aproveitamos em toda a sua potência; a razão é exigência de conhecimento, de compreensão e de consciência da realidade na totalidade (!) dos seus fatores, o conhecimento é descrití- »

⁶ «Pelo menos potencialmente, a educação deve mirar a introduzir o homem na realidade» (L. Giussani, *Introduzione alla realtà totale. Il rischio educativo*, Quaderni, suppl. a *Litterae Communionis-Tracce*, n. 4/2006, p. 5). «Não estou aqui para que vocês tomem como vossas as ideias que vos dou, mas sim para vos ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que vos vou dizer» (L. Giussani, *Educar é um risco*, Paulus, Lisboa 2018, p. 20).

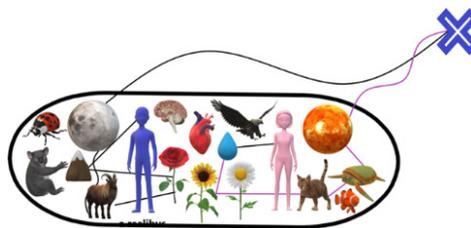
⁷ Cfr. L. Giussani, *O Sentido Religioso*, Tenacitas, Coimbra 2022, p. 131.

⁸ Cfr. L. Giussani, *O Sentido Religioso*, Coimbra 2022.

» vel como um encontro entre a nossa energia humana de conhecimento e a realidade que se quer conhecer...⁹ a realidade é dada, como um grande, um enorme presente, por *Alguém* que quer comunicar a *alguém*. Se está aqui um copo, é porque alguém o pôs neste sítio; então, o dinamismo da razão conduz-me ao ponto de perguntar: «quem é que o pôs aqui», a estar agradecido a quem teve a delicadeza e a gentileza de mo colocar aqui. Se está aqui um copo, é evidente que alguém o pôs aqui, por isso, a minha razão, ao vê-lo, pergunta-se: quem o pôs aqui? E, assim, do “dado” chegamos ao “dador”, do dom ao doador.

Oiçam o Solov’ev, filósofo e teólogo, poeta e crítico literário russo: «Não quis acreditar neste mundo ilusório. Debaixo da rude crosta do ser material, toquei o pórfiro imperecível e reconheci o esplendor da divindade. [...] Eu vi tudo, e tudo era feito por Alguém»¹⁰. E há outra pérola igualmente esclarecedora que nos é oferecida por Pavel Florenskij:

«O facto de o mundo nos ser *incógnito* não era, na minha perspetiva, uma condição transitória da minha mente que ainda não tinha conhecido tudo, mas antes uma peculiaridade substancial do mundo. O ignoto é a vida do mundo. Por isso, eu desejava conhecer o mundo precisamente na medida em que é ultimamente incógnito, sem violar o seu mistério, mas sim espiando-o. E o símbolo era espiar o mistério. Porque o mistério do mundo não está escondido pelos símbolos, mas é por eles revelado na sua verdadeira substância, isto é, enquanto mistério. As roupas não tapam, mas revelam um corpo esplêndido, e fazem-no de forma ainda mais esplêndida revelando-o no seu casto pudor. Pelo contrário, um corpo descaradamente desnudado fecha-se ao conhecimento, porque perdeu o desafio do pudor, que é realmente a profundidade misteriosa da vida e a luz do profundo. [...] Observa-se o fenómeno e percebe-se que se trata da casca de um númeno mais profundo».¹¹



Em suma, é precisamente este o dinamismo da razão: *a realibus, ad realiora*¹²! Das coisas reais, às coisas ainda mais reais! Ainda mais reais, e não “irreais porque são invisíveis”, aliás – são realíssimas! Os vossos desejos, mesmo não sendo palpáveis, sem cheiro e invisíveis, são realíssimos!!! Pensem no Seve ou no Francesco, descrevam-nos minuciosamente com todos os pormenores exteriores, quantificáveis, mensuráveis, dissequem o corpo deles (desculpem a imagem um bocado macabra!), e vão encontrar os órgãos internos, seguramente que não encontrarão os seus desejos, as suas intuições, as suas memórias... Mas temos a certeza que podemos dizer que não são reais, que nunca existiram...? Vocês poderiam dizer que conhecem o Seve e o Francesco, que esgotaram exhaustivamente o que conhecem deles, só porque puseram em fila todos os ossos e porque contaram os cabelos um a um? Falta a parte mais relevante! Falta o eu, a alma humana! O eu deles!!! Os seus desejos! Onde estão os seus pensamentos – que viajam misteriosamente, transportados por “circuitos elétricos”? São intangíveis, não se conseguem agarrar, mas ainda assim são muito reais! Tal como o amor é invisível e muito real! A alma humana é muito mais real do que aquilo que o cientismo neopositivista tenta defender; somos mais do que a mera matéria de que também somos feitos. Diz o Papa Francisco: «Educar cristãmente é levar por diante os jovens, as crianças nos valores humanos em todas as realidades, e uma destas realidades é a transcendência.»

⁹ C. Di Martino, *La conoscenza è sempre un avvenimento, Intervenção no Meeting di Rimini em 2009*.

¹⁰ V.S. Solov’ev, *Tre incontri*, in A. Asnaghi, *L’amante della sofia. Vita e pensiero di Vladimir Sergèevic Solov’ev*, CENS, Cernusco sul Naviglio (MI) 1990, pp. 87-91.

¹¹ Pavel A. Florenskij, *Ai miei figli*, organizado por N. Valenti, L. Zak, Mondadori, Milão 2009, p. 206.

¹² Vjačeslav I. Ivanov, *A realibus ad realiora, Poesie e testi scelti*, Lipa, Roma 2018.

» Hoje há a tendência a um neopositivismo [...] O que não significa introduzir os jovens, as crianças na realidade total: falta a transcendência. Para mim, a maior crise da educação, na perspectiva cristã, é este fechamento à transcendência. Somos fechados à transcendência»¹³.

3. O conhecimento como acontecimento

E agora o *don Giuss* entra em cena: no seu texto *Viver a razão*, em diálogo com alguns universitários em 1996 – procuremos estar muito atentos, porque o título deste Tríduo põe a tónica na dinâmica do conhecimento, exatamente “conhecereis a verdade” – então, enquanto me ouvem, sigam o écran também:

«Filosoficamente, ou seja, do ponto de vista da razão, qual é a posição diferente que o Movimento assume em relação a todos os outros grupos? Que posição diferente temos, do ponto de vista do olhar, da razão, da observação?»¹⁴ Para nós, o ponto é que «a realidade se torna evidente na experiência». Continua Giussani: «Escrevam esta frase, porque é de importância capital. [...] A definição que ele deu agora é importante para mim [...] A minha pergunta [...] queria dizer antes de mais nada: “Miúdos, o que nos importa é a realidade”. Se uma coisa não é real, porque é que nos interessa, não nos pode servir para nada. Tudo é evanescente, tudo é efêmero. A realidade importa-nos. A realidade! E não “A realidade é a verdade”, porque isto não faz sentido; mas sim: “a realidade é o âmbito em que a verdade subsiste”, é a figura com que a verdade coincide. Em suma: é verdadeiro o que é real, é real o que é verdadeiro. Mesmo sem filosofar muito, pode usar-se a palavra realidade e verdade. O que vos parece disto? Esta a é primeira coisa que eu sublinho. Por isso, para nós “verdade” coincide com a palavra “realidade”. Para quem não reconheça essa coincidência, o que é que aconteceria? Poderia haver uma verdade que não fosse real. Mas o que é que isto quer dizer? Onde está? Onde é que a encontra? Nos vapores do subsolo ou no ar rarefeito?! A verdade é real. A palavra “real” indica alguma coisa de “verdadeiro”. Tanto que as palavras “real” e “verdadeiro” podem trocar-se entre si. Se é verdadeiro, existe; se não é verdadeiro, não existe. Se existe é verdadeiro. [...] Verdadeiro e real têm uma ligação entre si, que faz com que um seja o outro, um implique o outro. Quando as crianças perguntam: “Mas isso é verdade?” – A pessoa está a contar uma história, uma fábula, um conto, e eles dizem: “Mas é verdade? É mesmo verdade?” (que é a fórmula do ceticismo entre as crianças) – elas “contestam” e justificam o que acabei de dizer: é a realidade que interessa, porque a verdade está na realidade»¹⁵.

Esclarecido este primeiro ponto, o *don Giuss* prossegue:

«Dito isto sobre a realidade – a realidade e a verdade -, é preciso avançar: como se faz para conhecer a verdade, como é que se faz para conhecer a realidade? Como é que faz um cientista para conhecer uma estrela distante que os antigos não teriam conseguido captar? Só com os telescópios modernos, que podem aproximá-la muito, é que os cientistas a conseguem ler: têm, portanto, de a trazer para perto. O que significa trazer para perto esta estrela tão distante que, para os antigos, seríssimos observadores, teria sido como que inexistente? Como é que se torna existente? A falar dela como se estivesse presente? Como é que uma distância se torna presente? Se essa distância entrar na experiência. O que quer dizer “en- »

¹³ Francisco, *Discurso aos participantes no Congresso mundial promovida pela Congregação para a educação católica*, 21 de novembro de 2015.

¹⁴ Apontamentos de uma conversa de L. Giussani com um grupo de universitários, Milão a 21 de junho 1996 (Equipe do CLU), agora em L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, organizado por Julián Carrón, Bur, Milão 2014, p. 311.

¹⁵ L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, op. cit., pp. 311-313.

» trar na experiência”? Quer dizer que eu a vejo como se fosse este copo, como se fosse o amigo, como uma das coisas que agarro no conjunto formado por uma coletividade de pessoas e de coisas que desponta sabe lá de onde e que vai sabe lá para onde, mas que a certo ponto se torna evidente. [...] A realidade entra na nossa mira, como conteúdo do nosso jogo, da nossa atividade, e é agarrada por nós, na medida em que entra, em que a deixamos entrar, na experiência. Por isso, verdade e realidade fazem-se reconhecer na experiência. Mas o que é a experiência? Pensemos no verbo antes usado [...]: “A realidade evidencia-se na experiência”: na experiência torna-se evidente o que existe. [...] E então, o que é a experiência? [...] Poderíamos dizer: “A experiência é o tornar-se evidente da realidade”.¹⁶

Finalmente, a última passagem tem precisamente a ver como o que nos é mais caro: a possibilidade de conhecer o bom Deus.

«Ora, para se dirigir a Deus dizendo: “Deus do céu e da terra”, a pessoa tem de já ter feito experiência disto. [...] Se a pessoa nunca se perguntou: “A realidade, tudo isto, como é que existe? Quem é que a fez?”, se a pessoa nunca se perguntou isto, é como uma criança im-preparada ou como um analfabeto diante de um texto que é preciso ler. Assim, eis o nosso método para esclarecer o problema do homem como religiosidade – que é o problema mais profundo e totalizante do homem –: é necessário antes de mais nada tornar experiência pessoal a relação entre o homem e a realidade enquanto originada. É realidade, se entra na experiência. Mas como é que Deus faz para entrar na tua experiência?»¹⁷

O conhecimento é um acontecimento, ou seja, é um facto que se introduz como fator de novidade em que está a conhecer: antes não sabia, agora sim! Uma viragem num jogo de futebol, o resultado ainda não escrito de um jogo, uma criança que chega e que não é dada por adquirida por um casal, um perdão inesperado, o encontro com a realidade dos Liceus, o céu agora por cima de nós, a lei da gravidade que se descobre quando um livro cai em cima do dedo mindinho ou um avião que voa, a presença real de Cristo na Eucaristia, uma página que se estuda, uma música que se ouve! A realidade é uma coisa que não se pode fazer sozinha, não se pode gerar sozinha, é dada, é um dom! Um encontro de conhecimento acontece com aquela realidade que se chama estudo, amigo, sacramento, Tríduo, vem ter comigo e, se o acolho, deixo-me edificar por ele. O encontro tem um alcance cognoscitivo, põe em movimento toda a dinâmica do conhecimento.

Bom, para retomar o fio condutor... Existe a dinâmica do conhecimento que comporta a existência do eu que conhece e que, com a sua razão, embate e capta uma realidade que entra no raio da sua liberdade, que com-preende, prende, toma consigo. Quando a realidade a conhecer é o destino para o qual estamos feitos, é aquele Infinito a que o coração do Pavese e o nosso coração aspiram... o que acontece? Como é que se sai daqui? Quem o capta? Como faço para o captar? De facto, se tenho de agarrar um microfone ou de saborear um gelado, é “simples”, mas e com Deus? Eis a verdadeira, única revolução da história: não é tu que tens de te propender, de te “esticar” até Ele, mas trata-se exatamente do contrário; foi Ele que se fez como nós, que passou a fazer parte da experiência humana, fazendo-Se carne! «Não te estão a dizer: trabalha para encontrar o caminho para chegar à verdade e à vida; não recebes-te esta ordem. Preguiçoso, levanta-te! O próprio caminho vem até ti e acordou-te do sono em que estavas adormecido. Levanta-te, pois e anda».¹⁸ »

¹⁶ *Ibidem*, pp. 314-315.

¹⁷ *Ibidem*, p. 316.

¹⁸ Santo Agostinho, *Comentário ao Evangelho de S. João*, Homilia 34, 9.

» Retomámos a introdução e esclarecemos que a razão tem uma potência de conhecer que é capaz de captar as profundezas da realidade; agora, é preciso fixar o olhar no primeiro instante em que o Eterno entrou no tempo, e no primeiro momento em que a razão encontrou o divino dentro de um fenómeno humano. «No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. No princípio Ele estava em Deus. Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos homens. A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam. [...] O Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina. Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à existência, mas o mundo não o reconheceu. [...] Mas, a quantos o receberam, aos que nele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. Estes não nasceram de laços de sangue, nem de um impulso da carne, nem da vontade de um homem, mas sim de Deus. E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. [*Kai ó logos sàrx éγένετο και έσκήνωσεν έν ήμιν, Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis*] E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade. [...] Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças. É que a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo. A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer»¹⁹.

4. A encarnação, o método divino humano

Eis a intuição que tinha atravessado o coração e a mente do muito jovem *don* Giuss, com 15 anos, em Venegono, quando estava no seminário: «Para mim, tudo aconteceu como a surpresa de um “belo dia”, quando um professor do primeiro ano do liceu – tinha eu quinze anos – leu e explicou a primeira página do Evangelho de São João. Na altura, era obrigatório ler estas páginas no final de todas as Missas; eu já a tinha ouvido milhares de vezes. Mas veio o “belo dia”: tudo é graça. [...] Depois de 40 anos [...] percebi o que me tinha acontecido quando aquele professor explicou a primeira página do Evangelho de São João: “O Verbo de Deus, ou melhor, aquilo de que tudo consiste, fez-se carne”, dizia, “então a beleza fez-se carne, a bondade fez-se carne, a justiça fez-se carne, o amor, a vida, **a verdade fez-se carne**: o ser não está num hiperurânio platónico, fez-se carne, é um entre nós”»²⁰.

Mas então, o que é que significa que podemos conhecer a verdade? A Virgem Maria, Pedro, João, André, Bartolomeu, Judas, Pilatos, Mateus, a mulher que se esvaía em sangue, o caturião, o paralítico, o cego de nascença... era todos homens – como nós! – que conheceram Jesus – um homem como nós – que conheceram a Verdade, a Beleza, a Justiça que aquele homem era, verdadeiro Deus e verdadeiro homem! Espero que vocês leiam uma página do Evangelho todos os dias! Para compreender que o que vivem hoje, o encontro com os Liceus que vocês vivem hoje, está alicerçado no que aconteceu às primeiras pessoas que O encontraram!²¹ A dinâmica é a mesma, uma realidade (humana) que revela Outra Realidade (divina)! Quanto mais estavam com Ele, quanto mais O viam em ação, mais a razão e o coração dos apóstolos acusavam o impacto com uma realidade exorbitante, o impacto de um *mais*, »

¹⁹ Jo 1,1-5.9-10;12-14.16-18.

²⁰ L. Giussani, *L'avvenimento cristiano. Uomo Chiesa Mondo*, Bur, Milão 2003, pp. 31-32.

²¹ «Então Pedro, cheio do Espírito Santo, disse-lhes: «Chefes do povo e anciãos, já que hoje somos interrogados sobre um benefício feito a um enfermo e sobre o modo como ele foi curado, ficai sabendo todos vós e todo o povo de Israel: É em nome de Jesus Nazareno, que vós crucificastes e Deus ressuscitou dos mortos, é por Ele que este homem se apresenta curado diante de vós. Ele é a pedra que vós, os construtores, desprezastes e que se transformou em pedra angular. E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome, dado aos homens, que nos possa salvar». (Cfr. At 4, 8-12)

» de uma superabundância humana que extravasava para outro lugar, como a denúncia de que o que estava acontecer diante dos seus olhos atravessava o horizonte humana da criação, de que as respetivas consistência e a origem derivavam de outro lugar, recebia de Outro Lugar, apoiava os pés no chão, na terra, mas a origem era o Céu! E a dinâmica consiste precisamente na repetição desta expressão no Evangelho: «e acreditaram n'Ele», portanto acreditar está intimamente ligar a raciocinar! Não é um fideísmo cego! Não quer dizer: «confio cegamente», mas sim «confio porque vejo, exatamente porque vi!».

Mas vamos tentar por um breve instante identificar-nos com o que lhes estava a acontecer!

Pensemos, comovidos, na Virgem Maria que, sem ter conhecido homem, vê, dia após dia, crescer um bebé dentro dela, no seu seio que, devagarinho, mês após mês, se transforma na barriga que viram nas vossas mãos quando estavam à espera dos vossos irmãos mais novos! Todas as vezes que vi uma mãe a amamentar, pensei: «*imagina que Jesus – Deus! – esteve assim, foi alimentado assim por uma mulher, serena e calmamente!*». Mas a razão, o coração, a inteligência de Maria, da Virgem Maria – que não conheceu homem e que permaneceu sempre Virgem, antes do parto, durante o parto, depois do parto... A Sua inteligência estaria de tal modo comovida, espantada, grata a algo que era tão real diante dos Seus olhos; talvez, por um instante, tenha pensado: como é que isto foi possível? Desde pequena, com a minha mãe Ana e o meu pai Joaquim – que viviam em Jerusalém e que depois de casarem não tiveram filhos durante mais de vinte anos, eu nasci e depois mandaram-me para a escola do Templo de Jerusalém – então eu, que não conheci ninguém até encontrar José... mas como é possível ficar à espera de bebé? Como é que isto pode ser? Se eu não conheço homem? «“O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. [...] porque nada é impossível a Deus” [...] E o anjo retirou-se de junto dela»²². E a Sua razão ficou, terá ficado estupefacta e completamente aberta e dócil à iniciativa da Trindade a quem nada é impossível, nem sequer que o divino entre no humano através do “eis-me aqui” de uma jovem, tal como vos é pedido a vocês, a nós cabe dizer o nosso “eis-me aqui”! Aconteceu-nos isso no dia do batismo, o Espírito Santo entrou em nós, a semente da vida divina já está é nós, é preciso cultivá-la!

Depois, João e André – nunca será demais repetir e relembrar! – aquele primeiro instante... Tinham ido, como todos os dias, como era hábito naquele tempo, até às margens do rio Jordão, para ouvir falar um tal João Batista, um tipo estranho. Nesse dia, às tantas, ele olha para além do aglomerado de pessoas à sua volta e vê passar um homem; por um instante, numa fração de segundo, aponta para Ele e exclama: «Eis o Cordeiro de Deus, eis Aquele que tira o pecado do mundo!»²³. Aqueles dois que estavam ali, com os olhos esbugalhados, com o coração aberto, com a inteligência pronta para captar os sinais do real, que estavam ali à espera de aferrar uma resposta exaustiva para a própria vida, reparam na direção para que aponta aquele dedo, e vão atrás de um homem. A certa altura, Ele dá-se conta, talvez por ouvir o barulho dos passos deles, ou por os ouvir a falar em voz baixa, bom... Repara neles e, de repente, volta-se e eles ainda não sabiam que estavam diante do Deus-feito-carne, e os Seus olhos... como é que Ele os tinha olhado!? O Salmo 139 conta numa pincelada, dá-nos um fresco de como é que Deus olha para ti agora, como olhou para João e André naquele instante: «Senhor, Tu examinaste-me e conheces-me, sabes quando me sento e quando me levanto; à distância conheces os meus pensamentos. Vês-me quando caminho e quando descanso; estás atento a todos os meus passos. Ainda a palavra me não chegou à boca, já Tu, Senhor, a conheces perfeitamente. [...] Tu modelaste as entranhas do meu ser e formas- »

²² Lc 1,35.37.38b.

²³ Jo 1, 29.

» te-me no seio de minha mãe. [...] Quando os meus ossos estavam a ser formados, e eu, em segredo, me desenvolvia, tecido nas profundezas da terra, nada disso te era oculto. Os teus olhos viram-me em embrião. Tudo isso estava escrito no teu livro. Todos os meus dias estavam modelados, ainda antes que um só deles existisse»²⁴. Tinha olhado para eles, eles sentiram-se trespassados, atravessados, escrutinados, compreendidos como nunca lhes tinha acontecido, por um olhar que os tinha intercetado e penetrado até à medula, tão magnético! Dois olhos humanos que veiculavam o olhar divino! Com o Seu olhar, tão simplesmente humano e, ao mesmo tempo, divino, perguntou-lhes de forma desarmante: «O que procuram»? Percebem quão “humano” é Deus, reparem na ternura! E eles dirigem-se a Ele segundo os títulos e os modo do tempo «Rabi – que quer dizer Mestre –, onde moras?»²⁵, como quem diz «Mas se calhar poderíamos encontrar-nos, gostaríamos, queremos estar contigo, pronto, não queremos incomodar, mas se nos pudesse dizer onde moras, bom... poderíamos combinar»... Ainda com a força da Sua simplicidade (o cristianismo é tão simples, um convite!), Jesus diz-lhes: «Venham e vejam», vem, claro, e verão e *passarão a ver, finalmente vereis*, ensinava o cardeal Ratzinger! «Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde»²⁶. Queriam reencontrá-lo e seguiram-No, mas dentro daquele encontro, daquele diálogo, esculpido no coração, conservado na memória e transcrito muitos anos depois no Evangelho de quem o viveu, incluía todo o pre-sentimento do verdadeiro, tinha lá dentro toda a espera pelo verdadeiro (a mesma que vocês sentiram ao escolher vir até aqui: «Sinto que em Rimini vai acontecer algo de bom, de verdadeiro, de belo, de atrativo»); tinham a intuição de que aquele Rosto era a “realidade mais real” que alguma vez tinham encontrado! Olhem, vou ler-vos um contributo muito simples, de um rapaz de 14 anos que conheceu os Liceus há pouco tempo:

Tenho 14 anos e, mesmo tendo conhecido a realidade dos Liceus há pouco tempo, já me sinto amado como se conhecesse desde sempre as pessoas que lá estão. Depois de um jantar para falar e partilhar as preocupações ou alegrias de cada um, continuava a surgir em mim uma pergunta: o que é que me atrai todos os dias da minha vida a ir ter com os meus amigos dos Liceus para estudar e para falar? Ainda não tenho uma resposta completa, mas tenho a certeza de que é algo imenso e maravilhoso.

Naquele encontro, tão normal e ao mesmo tempo tão extraordinário, quando se encontraram diante daquele Rosto, João e André reconheceram-se já amados, já esperados, já desejados, já conhecidos e, por isso, foi preciso muito pouco, uma fração de segundo, para que dentro do seu coração, da sua razão, surgisse esta pergunta: porque é que Este homem me atrai tanto? Porque é que estes amigos me atraem tanto? Porque é que este Este me atrai tanto, ao ponto de lhe perguntar a morada, onde mora, quando o posso rever? Tal como aquele rapaz dos Liceus, João e André também ainda não tinham formulado na cabeça toda a “teologia”, a resposta completa, mas tinham guardado uma certeza no coração: aqui, dentro desta relação, dentro deste Rosato existe uma promessa de confiança, existe a promessa de algo imenso e maravilhoso! Gravaram tudo no coração e no cérebro e, depois, foram a correr ter com os amigos pescadores, com Pedro e com os outros; enquanto lhes contavam, a sua razão revivia e exprimia um juízo com uma correspondência cada vez maior entre eles próprios e o que tinham visto, entre as exigências de bem e as evidências da razão e aquela realidade com que se tinham deparado, que tinha entrado na trajetória da sua experiência: «Encontrámos o Messias!»²⁷, como o rapaz dos Liceus que, na sala de aula ou nos balneários do futebol, diga aos colegas: «Conheci os dos Liceus, tens de os conhecer também!». »

²⁴ Sal 139,1-4.13.15-16.

²⁵ Jo 1, 38

²⁶ Jo 1, 39

²⁷ Jo 1, 41

» Como se João e André, no seu coração, tivessem dito: «Se o povo de Israel está à espera de Alguém, tem de corresponder a este tipo, a este Jesus que encontrámos há bocado! Deve ser Ele o Messias tão esperado!». Não encontrámos um bem assim em mais lado nenhum, nunca encontrámos um olhar assim noutra lugar! E os verbos usados no Santo Evangelho de João são verbos muito comuns: «No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. Então, pondo o olhar em Jesus, que passava, disse: “Eis o Cordeiro de Deus!”. Ouvindo-o falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, notando que eles o seguiam, perguntou-lhes: “Que pretendeis?” Eles disseram-lhe: “Rabi – que quer dizer Mestre – onde moras?”. Ele respondeu-lhes: “Vinde e vereis”. Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde».²⁸ Percebem como é que a Verdade se fez e se faz presente, entrou Ela na órbita na nossa liberdade, tornando-se Ela cognoscível e palpável, no espaço e no tempo, nas barbas de toda a gente! São verbos que descrevem o nosso dia-a-dia: encontrei Fulano, jantei com Sicrano, participei na Assembleia com Beltrano, o meu professor X ou a minha professora disseram não sei o quê na sala de aula, no testemunho contou, li o livro da Francesca Pedrazzini, convidaram-me para o Tríduo... depois de dois mil anos, o método da encarnação não muda, o divino através de uma realidade humana! Deste ponto de vista, a dinâmica do conhecimento não muda! Embatemos numa realidade humana que denuncia algo diferente de si: «Fazes um encontro que, descobrirás depois, terá uma influência profunda, indefinida na tua vida. Cada pessoa já experimentou o que significa, por vezes, um encontro do ponto vista do espírito [...] Dou por mim na presença de um mistério, ou seja, de uma realidade cujas raízes estão para além do que é problemático, propriamente falando. [...] Eu já não posso colocar-me realmente fora dele ou à frente dele. [...] Estou envolvido, empenhado naquele encontro, de certo modo faço parte dele: este compreende-me, mesmo que eu ainda não o compreenda»²⁹. «Os encontros desempenharam uma função capital na minha vida. Conheci pessoas em quem eu sentia a realidade de Cristo tão viva que não podia duvidar disso»³⁰.

5. A fé, método de conhecimento da razão

Uma dinâmica profundamente racional com que o homem adere, devagarinho, ao que a realidade revela sobre si, até chegar ao Tu! Percebamos de uma vez por todas que a fé católica não pede que se renuncie, que se abdique ao exercício do uso da razão; pelo contrário, exige o uso da razão, *fides quaerens intellectum*³¹, a fé floresce no terreno da razão³² (o »

²⁸ Jo 1, 35-39

²⁹ G. Marcel, *Position et approches concrètes du mystère ontologique*, Nauwelaerts 1967, pp. 60-61.

³⁰ G. Marcel, citado por R. Latourelle, «Le témoignage chrétien», *Bulletin de Liason du Centre Pedro Arrupe*, vol X, n. 4, dezembro 2005, p. 16.

³¹ «(...) a harmonia fundamental entre o conhecimento filosófico e o conhecimento da fé: a fé requer que o seu objecto seja compreendido com a ajuda da razão; por sua vez a razão, no apogeu da sua indagação, admite como necessário aquilo que a fé apresenta» (João Paulo II, Carta Encíclica *Fides et Ratio sobre as relações entre Fé e razão*, 14 de setembro 1998, 42)

³² «O cientificismo e o positivismo recusam-se a “admitir, como válidas, formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias das ciências positivas”. A Igreja propõe outro caminho, que exige uma síntese entre um uso responsável das metodologias próprias das ciências empíricas e os outros saberes como a filosofia, a teologia, e a própria fé que eleva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência humana. A fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque «a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus», [191] e não se podem contradizer entre si. [...] Quando o progresso das ciências, mantendo-se com rigor académico no campo do seu objecto específico, torna evidente uma determinada conclusão que a razão não pode negar, a fé não a contradiz. [...] Em certas ocasiões, porém, alguns cientistas vão mais além do objecto formal da sua disciplina e exageram com afirmações ou conclusões que extravasam o campo da própria ciência. Neste caso, não é a razão que se propõe, mas uma determinada ideologia que fecha o caminho a um diálogo autêntico, pacífico e frutuoso». (Francisco, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, n. 242-243)

» caminho do conhecimento científico teve, de facto, um pico de desenvolvimento com os cientistas cristãos, a universidade nasceu com o cristianismo, o surgimento da própria Europa teve uma viragem decisiva com a vida monástica!), a fé é um método de conhecimento da razão, chama-se *conhecimento por fé* (baseia-se na certeza moral, que é certa, ainda que seja diferente da certeza científica) e o nosso intelecto é muito mais solicitado, a fé solicita muito o nosso eu, até se escancarar para além dos seus limites, aderir e reconhecer o que a realidade diz de Si, ou seja, que «a realidade é Cristo», Deus revela-se dentro da realidade! Mas um uso da razão que seja atrofiado, reduzido, enfraquecido, «a razão positivista, que se apresenta de modo exclusivista e não é capaz de perceber algo para além do que é funcional, assemelha-se aos edifícios de cimento armado sem janelas, nos quais nos damos o clima e a luz por nós mesmos e já não queremos receber estes dois elementos do amplo mundo de Deus»³³. Ao invés, podemos continuar numa vida de “vai-se andado” porque sofremos de uma espécie de “subordinação psicológica”, porque acreditar parece sempre uma coisa etérea, fumegante, insuflada, indeterminada, ultimamente irracional... Mas desculpem: quem é que usa mais a razão, quem é que desenvolve mais a sua natureza, quem tem a ousadia de conhecer e reconhecer a realidade na totalidade dos seus fatores ou quem abandona o jogo, excluindo essa possibilidade ou declarando-a impossível? Quem se aventura para além das colunas de Hércules ou quem renuncia à possibilidade de as atravessar?! Impressionou-me muito falar com alguns de vocês ao telefone: «Mas convidaste algum colega de turma, mas convidaste as tuas amigas da dança, mas propuseste aos teus amigos do futebol vir ao Tríduo?» «Não, sabe, padre Fabio, eles não são religioso... não são da Igreja»... mas a razão é a mesma, o coração é o mesmo, eles esperam o encontro com Jesus! Jesus não é redutível a um *hobby* que alguns praticam e outros não! Portanto, a diferença está na maneira como concebemos a razão e não em censurar as perguntas presentes no coração! Peçam aos vossos amigos adultos para vos contar as trocas de ideias entre o *don* Giuss e o professor de filosofia do Liceu Berchet, enquanto trocavam de turmas, exatamente sobre o conceito de razão!

João e André e os outros discípulos estavam perante um homem, concreto, visível, com quem se podia estar e que testemunhava Algo diferente de si. E depois as outras pessoas, os futuros fiéis, quem é que conheceram, só São Pedro? Não, através dele, conheceram Jesus! E quem conheceu São Francisco de Assis? Através dele, Jesus! E quem viu a Madre Teresa, a mesma coisa! E nós?!? Também!!! Hoje à tarde vão ouvir de forma reduzida esta frase de São João Paulo II que o *don* Giuss quis que fosse incluída no Livrinho da *Via Sacra* do Tríduo e que deixa perceber bem a dinâmica do conhecimento e do encontro com o facto cristão hoje: «Talvez se deva acrescentar uma palavra sobre Tomé. O Evangelho de João que lemos hoje fala-nos de Tomé, uma figura enigmática, porque quando todos viram Jesus Ressuscitado, ele não viu e diz: se eu não vir, não acredito, se não tocar, não acredito. Nós conhecemos muito bem esta categoria, este tipo de pessoas, e jovens também. Estes empíricos, fascinados com as ciências, conhecemo-los, são muitos são muito preciosos, porque este querer tocar, querer ver, tudo isto fala da seriedade com que se trata a realidade, o conhecimento da realidade. E eles estão prontos, se uma vez Jesus vier e se lhes mostrar, se mostrar as suas feridas, as suas mãos, o costado, então estarão prontos a dizer “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20, 28). Penso que serão muitos os vossos amigos, da vossa idade, que têm esta mentalidade empírica, científica: mas se alguma vez pudessem tocar Jesus de perto – ver o rosto, tocar o rosto de Cristo – se alguma vez puderem tocar Jesus, se O virem em vocês, dirão: “Meu Senhor e meu Deus!”³⁴. Dentro da realidade humana que tu és, a Sua presença divina!!! Que responsabilidade nos »

³³ Bento XVI, *Discurso ao Parlamento Federal de Berlim*, 22 de setembro 2011.

³⁴ João Paulo II, *Discurso aos jovens da Diocese de Roma*, 24 de março 1994.

» confia Deus! «Eu estarei convosco até ao fim dos tempos», disse-nos!³⁵.

Há uma expressão usada no Evangelho pelos discípulos de Emaús que, a repensar no encontro com o Senhor Ressuscitado, exclamam: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»³⁶. O coração, que para a Bíblia é o centro sintético do homem inteiro (da razão, da vontade e do afecto), regista uma correspondência, alguma coisa que – vem de *respondeo* – responde, que está à altura das perguntas do nosso coração, das *exigências* e das *evidências* do nosso coração, diz o *don* Giuss! E essa correspondência, quando acontece, é um evento excepcional, de tal forma que, quando acontece, uma pessoa repara: «a maneira como Jesus trata as mulheres, corresponde-me! A maneira como trata as crianças, corresponde-me! Como trata as pessoas que encontra, corresponde-me! Quero estar com os meus amigos como Ele estava com eles!». Nos discípulos que, dia após dia, viam como é que Ele amava, rezar, curava, na razão dos discípulos, na sua inteligência, no seu coração, ia ganhando espaço a pergunta: «Mas quem é este? Quem é este a quem até o mar obedece? Quem é este que expulsa os demónios? Quem é este que levanta o paralítico? Quem é este que devolve a vista a um cego de nascença? Mas quem é este?»³⁷... e hoje à tarde também O contemplaremos com a nossa razão e a afeição do nosso coração, acrescentando a nossa fé, perguntando-nos: “mas Quem é este que, injustamente, se deixa crucificar, mas quem és Tu que, por nosso amor, mesmo sendo Filho de Deus, carregas o nosso pecado, deixas-te pregar no madeiro da cruz?”. E uma pessoa pode continuar ininterruptamente, usando a razão, a perguntar-se: mas como é que este adulto que está aqui ao meu lado, quem tem família e filhos, veio comigo ao Tríduo? Como é que a minha professora ou o meu professor que é *Memor* vive na virgindade durante os oitenta anos da vida dele, sem marido, sem mulher, a pôr em comum o seu ordenado, renunciando a ter dinheiro? Que Vida sustenta a sua vida? Quanto mais estavam com ele, mais se davam conta de entrar, de mergulhar na vida real, porque Ele era o Caminho, a Verdade e a Vida!

Agora com os cânticos que vamos ouvir, recuperamos este passos dados até aqui: João e André (e nós com eles) viram-se reconhecidos por Jesus, olhados por Ele como nunca ninguém os tinha olhado (*Mi sei scoppiato dentro al cuore*). É como se dantes ainda fossem cegos, mas depois da Graça surpreendente do encontro com Cristo começaram a ver na profundidade do real, de facto Ele tinha-lhes dito: «Vinde e vede» (*Amazing Grace*)³⁸! Verão o início de Outro mundo, já neste mundo! Já não verão a “duas dimensões”, mas sim a profundidade, a origem, o Tu que está no fundo, o princípio e o cumprimento do género humano, centro do cosmos e da história, que podemos tratar por Tu (*You*), como um amigo a um Amigo³⁹!

Segundo tempo

Estão cansados? Um bocadinho! Agora vamos entrar dentro do outro polo da frase «a verdade vos fará livres»⁴⁰. Mas antes de descrever esta dinâmica, é bom esclarecer o que sig-

³⁵ Mt 28, 20

³⁶ Lc 24, 32

³⁷ Cfr. Mc 4,41.

³⁸ Jo 1, 39

³⁹ «Como eu dizia, falar com Jesus como um amigo fala a outro amigo. É uma graça que devemos pedir uns pelos outros: ver Jesus como o nosso amigo, o nosso maior amigo, o nosso amigo fiel, que não chantageia, sobretudo que nunca nos abandona, nem sequer quando nos afastamos d’Ele. Ele permanece à porta do coração. “Não, não quero saber de nada de ti”, dizemos. E Ele permanece calado, fica ali ao alcance das mãos, ao alcance do coração porque Ele é sempre fiel». (Francisco, *Audiência Geral*, 28 de setembro 2022.

⁴⁰ Jo 8, 32

» nifica que nós encontrámos a Verdade: que somos donos dela? O Papa Bento XVI ensina: «Ninguém pode dizer: tenho a verdade — esta é a objeção que se faz — e, justamente, ninguém pode ter a verdade. **[são as realidades superiores que “englobam” as inferiores, é a Verdade que nos possui, não somos nós que a possuímos!]** É a verdade que nos possui, é algo vivo! Nós não somos os seus detentores, mas somos arrebatados por ela. Se nos deixarmos guiar e mover por ela, permaneceremos nela; se estivermos com ela e nela, se formos peregrinos da verdade, então ela estará em nós e por nós. Penso que devemos aprender de novo este «não-ter-a-verdade». Como ninguém pode dizer: tenho filhos — não são uma nossa posse, são um dom, e como dádiva de Deus, são-nos dados para uma tarefa — assim não podemos dizer: tenho a verdade, mas foi a verdade que veio a nós e nos impele. Devemos aprender a fazer-nos mover por ela, a fazer-nos conduzir por ela. E então ela voltará a resplandecer: se ela mesma nos conduzir e nos compenetrar»⁴¹.

Mas quando é que aconteceu esta Sua posse sobre nós? No dia do vosso Batismo: há 15 ou 16 anos atrás, eis o que vos aconteceu: «“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gal 2, 20). Vivo, mas já não sou eu. O próprio eu, a identidade essencial do homem – deste homem, Paulo – foi modificada. Ele existe ainda, e já não existe. Atravessou um «não» e encontra-se continuamente neste «não»: Eu, mas já «não» eu. [...] esta frase é a expressão do que aconteceu no Batismo. O meu eu próprio é-me tirado e inserido num novo sujeito maior»⁴². A natureza divina já se misturou com a nossa natureza humana, esta dinâmica já aconteceu para todos os batizados: o Espírito Santo entrou em vocês, somos possuídos pela Verdade, mas temos dentro de nós – desculpem a imagem – uma espécie de “frasco fechado”, que conservamos sem o abrir ou esquecendo que o temos na arrecadação! Sem O mendigar, sem o percecionar como a Vida na nossa vida, sem Lhe pedir que tome todo o nosso ser! O que significa que a Verdade nos possui, mais existencialmente? Oíçam como é que o Papa Francisco descreveu a mudança de vida de São Paulo. Reparem que São Paulo se encontrava na mesma situação que nós: não conheceu Jesus, como tinha acontecido a Pedro e aos outros Apóstolos que viveram três anos com ele, mas conheceu-O através de Estevão e, depois, no próprio diálogo pessoal com Ele, e depois na relação com São Pedro, com o qual até discutia de vez em quando, ou seja, conheceu Jesus através do Seu corpo que é a Igreja: «No caso de Paulo, o que o mudou não foi uma mera ideia ou convicção: para Saulo, o encontro com o Senhor ressuscitado – não esqueçais isto, aquilo que muda uma vida é o encontro com o Senhor – transformou todo o seu ser. A humanidade de Paulo, a sua paixão por Deus e a sua glória não foi aniquilada, mas transformada, “convertida” pelo Espírito Santo. O único que pode mudar os nossos corações é o Espírito Santo. E o mesmo é válido para cada aspeto da sua vida. Precisamente como acontece na Eucaristia: o pão e o vinho não desaparecem, mas tornam-se o Corpo e o Sangue de Cristo. O zelo de Paulo permanece, mas torna-se o zelo de Cristo. Muda o sentido mas o zelo é o mesmo. O Senhor é servido com a nossa humanidade, com as nossas prerrogativas e características, mas o que muda tudo não é uma ideia mas a verdadeira vida, como o próprio Paulo diz: «Se alguém está em Cristo, é uma criação; passou o que era velho; eis que tudo se fez novo» (2 Cor 5, 17). O encontro com Jesus Cristo muda-te a partir de dentro, faz de ti outra pessoa. Se alguém estiver em Cristo é uma nova criatura, este é o sentido de ser uma nova criatura. Tornar-se cristão não é uma maquiagem que te muda o rosto, não! Se fores cristão muda-te o coração mas se fores cristão de aparência, não está bem... cristão de maquiagem não serve. A verdadeira mudança é do coração. E isto aconteceu a Paulo»⁴³. »

⁴¹ Papa Bento XVI, *Homilia*, 2 de setembro 2012.

⁴² Papa Bento XVI, *Homilia da Vigília Pascal*, 15 de abril 2006.

⁴³ Francisco, *Audiência Geral*, 29 de março 2023.

» O que é que aconteceu a São Paulo no encontro com o Senhor Ressuscitado? Como é que ele foi libertado? E para nós, então, o que quer dizer viver com esta liberdade? Depois é preciso a vida inteira juntos para o descobrir, mas entretanto começemos a falar disso!

Há muitas declinações desta libertação, mas não podemos descrevê-las todas: poderíamos falar de nos tornarmos livres do juízo dos outros, no qual nos deixamos enjaular e bloquear; ou então sobre ser livres das modas das roupas ou das músicas ou das séries de televisão; livres do medo: procurem conhecer a vida do Beato Juiz Rosario Livatino, houve uma bela exposição sobre ele no Meeting do ano passado⁴⁴; livres dos inimigos: leiam a vida do Padre Pino Puglisi ou vejam filmes sobre ele, que foi assassinado pela máfia, livre do poder mafioso instalado, ao ponto de não odiar ninguém, nem sequer os seus carrascos; livres para usar o tempo gratuitamente: vocês já fazem experiência disso indo todas as semanas à caritativa. Livres do sucesso escolar hoje e amanhã no trabalho: um gosto e uma paixão pelo conhecimento, por construir a nossa pessoa, por descobrir os nexos na realidade, muito mais do que agradar alguém ou do que um resultado efêmero, é muito mais fascinante descobrir a relação entre o pormenor e o Todo! Livres do instinto e do sentimentalismo com que tratamos os amigos e os afetos: para que a relação seja um lavar os pés uns aos outros, muito mais do que um consumir-se dentro de uma pretensão ou de um instinto... peçam aos amigos mais velhos que vos contem duas grandes pérolas da vida do *don* Giuss, uma sobre um casal que encontrou na rua e a outra sobre o “episódio” em que ele está com um grupo de amigos que depois se põem a dançar, com ele presente!

Mas a primeira libertação consiste em nos livrarmos das nossas imagens de Deus. A revelação cristã «opera uma crítica religiosa às religiões», diziam-me os meus professores no Seminário. Muitos dos nossos avós cresceram com as histórias dos seus pais que contavam sobre a famosa tia que tinha emigrado para a América e lá vivia: nesse tempo, não havia tantas fotografias, as comunicações eram difíceis... e, assim, sabe-se lá como era a tal tia americana na realidade! Os sobrinhos, então, que estavam sempre a ouvir falar dela, divertiam-se a tentar imaginar como seria: «para mim é desta altura, para mim é gordinha, para mim é elegante, para mim tem os olhos verdes, para mim tem cabelo escuro»... cada um tentava descrevê-la de certa forma e, depois, finalmente, no Natal, a tia fazia a grande viagem desde a América e aparece de carne e osso em casa e assim, todas as tentativas, minhas, dos meus primos e dos meus irmãos, todas as descrições que tínhamos feito eram chamadas a uma correção, a uma conversão, a dar lugar ao que a tia realmente era («gosto em conhecer-te, sou assim! Parem de me imaginar!»), fazendo desaparecer o que nós pensávamos que fosse⁴⁵! Eu achava que Deus estava no alto dos Céus e afinal fez-Se um Menino e o Seu corpo é a Igreja; eu acreditava que era um “grande marionetista”, um grande “realizador/encenador” que já escreveu todo o guião da minha vida e que eu só tinha de representar uma parte que já me tinha sido atribuída, mas afinal Deus já está em ti⁴⁶ e é “co-protagonista” da história que vão escrever em comunhão, respondendo à vossa vocação; eu achava que tinha sido o Pai a mandar a cruz ao Filho, mas afinal o Pai estava com Ele e sustentava-O durante a prova, foi precisamente a Comunhão com o Pai e com o Espírito Santo que suportou o Filho na cruz »

⁴⁴ Cfr., *Sub Tutela Dei. Il giudice Rosario Livatino*, organizado por G. Facciolo, M. Filippi, R. Masotto, S. Taormina, C. Torti, C. Tremolada, P. Tosoni, Itaca, Castel Bolognese-Bo 2022.

⁴⁵ «O Deus dos filósofos é totalmente diferente do que os próprios filósofos pensaram, sem, no entanto, cessar de ser o que eles consideraram; vem-se a perceber que só se conhece realmente Deus quando se repara que ele é a verdade autêntica e o fundamento de todo o ser, indissolavelmente o Deus da fé, o Deus dos homens» (J. Ratzinger, *Introduzione al Cristianesimo*, Queriniana, Brescia 2005, p. 135).

⁴⁶ «Esta nova experiência de Deus é seguida pela experiência do Espírito, da presença de Deus, no nosso íntimo. Este Espírito não se identifica nem como o Pai, nem com o Filho, mas também não forma um terceiro entre Deus e nós: ao invés, é a modalidade com que o próprio Deus Se oferece a nós, com que entra em nós, de forma a estar no homem, mesmo permanecendo sempre, até nesta inabituação, infinitamente acima» (*Ibidem*, p. 154).

» e na Sua descida aos infernos. Eu tinha-O reduzido a um conjunto de regras que é suposto respeita, mas afinal Ele veio para ser colaborador da minha Alegria, para que seja plena! Eu achava que Ele era um grande seguro de vida, afinal Ele fez-Se um companheiro de caminho, sustenta a cruz comigo. Purifica as imagens sobre Ele, apresentando-Se tal como é!

Mas queria deter-me mais um pouco, dado o Tríduo e o que vamos viver hoje à tarde, sobre o tema de nos tornarmos livres do pecado e das consequências do pecado, ou seja, da morte. Quando uma pessoa se dá conta disto e repara, comovida, na obra realizada pela Trindade, constrói aqui a certeza sobre a vida. Eu, sozinho, (como vimos na primeira noite), como poderei libertar-me do pecado e das suas consequências, ou seja, da condição de morte? Eu, que sou uma criatura limitada, finita, como é que posso durar para sempre, dar-me a infinitude sozinho? «Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração de sua vida?»⁴⁷ Se eu sou débil, se peço, como é que consigo sair dos pântanos sozinho? Portanto, uma revisão da Catequese do 4º ano: Deus é a vida. A comunhão do homem com Deus é a vida. O que é o pecado mortal? É a rutura da comunhão com Deus⁴⁸. Então, quem peca mortalmente, rompendo a relação e separando-se de Deus que é a Vida, encontra-se já numa situação de morte, sofre já as consequências do pecado. «Com efeito, Deus criou o homem para a incorruptibilidade e fê-lo à imagem do seu próprio ser. Por inveja do diabo é que a morte entrou no mundo, e hão-de prová-la os que pertencem ao diabo»⁴⁹. De facto, o diabo, invejoso de Deus e do Amor pelas Suas criaturas, procura de todos os modos separar-nos dele, afastar-nos dele, levar-nos a romper a relação com Ele; por isso, aqueles que cedem à realização de um pecado mortal, já fazem experiência da morte porque separam da vida que é Deus. Portanto, podemos ver que tudo está invertido: podem existir seres biologicamente vivos que “já estão mortos” e outros, biologicamente defuntos, que estão vivíssimos porque estão em comunhão com Deus (os santos, os nossos familiares já na Igreja Celeste). Então, para vencer o pecado e a morte, o que é que Nosso Senhor Jesus Cristo quis fazer? Prestem bem atenção: Cristo, que é Deus e não conhece o pecado, tomou sobre Si os nossos pecados, carregou o nosso pecado para nos libertar a nós, a mim! Como se eu tivesse uma doença e o meu pai dissesse: «fico eu com ela, tiro-a a ti e tomo-a para mim, sofro eu as consequências», para pregar o pecado ao madeiro da cruz⁵⁰ e para sofrer também as consequências do pecado, ou seja, a morte, para descer aos infernos e derrotar a morte no »

⁴⁷ Mt 6, 26-27.

⁴⁸ Cfr. «O pecado mortal é uma possibilidade radical da liberdade humana, tal como o próprio amor. Tem como consequência a perda da caridade e a privação da graça santificante, ou seja, do estado de graça. E se não for resgatado pelo arrependimento e pelo perdão de Deus, originará a exclusão do Reino de Cristo e a morte eterna no Inferno, uma vez que a nossa liberdade tem capacidade para fazer escolhas definitivas, irreversíveis. No entanto, embora nos seja possível julgar se um acto é, em si, uma falta grave, devemos confiar o juízo sobre as pessoas à justiça e à misericórdia de Deus». (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1861). «Para que um pecado seja mortal, requerem-se, em simultâneo, três condições: “É pecado mortal o que tem por objecto uma matéria grave, e é cometido com plena consciência e de propósito deliberado”» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1857)

⁴⁹ Sab 2, 23-34

⁵⁰ Cfr. «Consequentemente, Pedro pôde formular assim a fé apostólica no plano divino da salvação: «fostes resgatados da vã maneira de viver herdada dos vossos pais, pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito nem mancha, predestinado antes da criação do mundo e manifestado nos últimos tempos por nossa causa» (1 Pe 1, 18-20). Os pecados dos homens, que se seguiram ao pecado original, foram castigados com a morte (452). Enviando o seu próprio Filho na condição de escravo (453), que era a de uma humanidade decaída e votada à morte por causa do pecado (454), «a Cristo, que não conhecera o pecado, Deus fê-lo pecado por amor de nós, para que, em Cristo, nos tornássemos justos aos olhos de Deus» (2 Cor 5, 21). (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 602). «Jesus não conheceu a reprovação como se tivesse pecado pessoalmente (455). Mas, no amor redentor que constantemente O unia ao Pai (456), assumiu-nos no afastamento do nosso pecado em relação a Deus a ponto de, na cruz, poder dizer em nosso nome: «Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?» (Mc 15, 34) (457). Tendo-O feito solidário connosco, pecadores, «Deus não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O para morrer por nós todos» (Rm 8, 32), para que fôssemos «reconciliados com Ele pela morte do seu Filho» (Rm 5, 10) (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 603).

» seu território⁵¹, e dali ressurgir! O diabo já “saboreava previamente” por O ter derrotado, por O ter aniquilado na cruz, por O ter sepultado no esquecimento do reino dos mortos... ao invés, amanhã veremos a potência do Ressuscitado⁵²! Mas nós estamos aqui hoje, 2023 anos depois, filhos da Sua ressurreição!!! Foi precisamente esta vitória sobre o pecado e sobre a morte que gerou neste mundo uma história do Outro mundo, uma companhia não só com os 3600 aqui presentes, mas com todos os Santos, com a Igreja celeste: no meu gabinete ou no meu quarto, tenho muitas imagens e muitas pagelas, não é só devocionismo ou quinquilharia, mas são os rostos de pessoas vivas em Cristo cuja contemplação e comunhão me dá força, porque são amigos e companheiros de um caminho que eles já percorreram: São Ricardo Pampuri, Santa Rita, São João Paulo II, Santo Agostinho, São Tomás, São João Apóstolo, o Beato Rolando Rivi, o Padre Pino Puglisi, Santa Ágata, São Homobono, os mártires da perseguição na Albânia e os da Bósnia Herzegovina, da Roménia, São José Moscati, um santo médico, que vem mesmo a calhar para este Tríduo um apontamento seu: «Ama a verdade, mostra-te como és, sem fingimentos, sem receios, sem respeitos humanos. Se a verdade te custa a perseguição, aceita-a; se te custa o tormento, suporta-o. E se, pela verdade, tivesses que sacrificar-te a ti mesmo e a tua vida, sê forte no sacrifício»⁵³. Como é que Jesus enfrentaria tal circunstância? Como é que a enfrentou a Santa Joana Beretta Molla? Como é que José Moscati viveu o trabalho? Como é que os pais de Santa Teresinha de Lisieux viveram a paternidade e a maternidade? O *don Giuss* gostava de dizer muitas vezes: «Buscai todos os dias o rosto dos santos e encontrareis repouso nos seus discursos»⁵⁴; «Quanto aos deuses que existem no país, os santos, nos quais se compraziam» (Salmo 15) «Não o “divo”, mas o Santo é o homem feliz, o homem verdadeiro»⁵⁵. Quantos santos existem entre os nossos amigos, ajudemo-nos a descobri-los! O “divo” está aborrecidamente insatisfeito com a sua própria fama e sucesso (quando consegue!), o Santo fica surpreendido, feliz e grato por ser imerecidamente o um instrumento de salvação para os outros. «Eu sou apenas um lápis nas mãos de Deus. É Ele que escreve. É Ele que pensa. É Ele que decide. Repito: eu sou apenas um lápis» dizia de si a Madre Teresa de Calcutá. Percebemos, então, que esta história de comunhão com a verdade e de libertação, que continua, este encontro, introduz-nos num Comunhão que, ao mesmo tempo que é temporal, está acima da história! Através da Comunhão, a Libertação.

Ouçam, aliás, ouçamos o que acontece a quem faz experiência do encontro e do conhecimento de Cristo que nos liberta do pecado e das suas consequências, ou seja, da morte e do medo de morrer, graças ao testemunho de uma rapariga que nos fala da doença e da partida da sua mãe para o Céu:

Neste último mês, aconteceram infinitos milagres que me levaram à certeza de pertencer a Outro, à certeza de que a minha vida e o meu coração são construídos, movidos e desejados por Deus. O milagre principal que me encheu desta certeza foi a morte da minha mãe. Há vários anos que ela sofria de uma doença autoimune no fígado e há um ano que estava à espera de um transplante. No início do ano fez uma primeira operação que não correu »

⁵¹ «Pois, tal como os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Ele partilhou a condição deles, a fim de destruir, pela sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo, 15e libertar aqueles que, por medo da morte, passavam toda a vida dominados pela escravidão» (Heb 2, 14-15)

⁵² «A descida à mansão dos mortos é o cumprimento, até à plenitude, do anúncio evangélico da salvação. É a última fase da missão messiânica de Jesus, fase condensada no tempo, mas imensamente vasta no seu significado real de extensão da obra redentora a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares, porque todos aqueles que se salvaram se tornaram participantes da redenção» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 634)

⁵³ Bilhete escrito por José Moscati a 17 de outubro 1922.

⁵⁴ *Didaché* IV, 2.

⁵⁵ Cfr. capítulo 2 de L. Giussani, *La coscienza religiosa nell'uomo moderno*, Jaca Book, Milão 1985, agora em L. Giussani, *La coscienza di Dio e l'uomo moderno*, pp. 88-94.

» bem; depois fez outra, inicialmente com sucesso, mas que levou depois a complicações sem possibilidade de recuperação, até finalmente abraçar Cristo. Nestes dias de paixão, Ele esteve sempre presente e claro. Desde o dia do primeiro transplante. Mal soube que não tinha corrido bem, logo que voltei da escola, senti a necessidade de ir a correr à igreja para me desesperar e gritar todo o mal que me tomava o coração: eu queria a minha mãe viva ou, pelo menos, se não me podia fazer a vontade, ao menos que não me deixasse sozinha. Pronto, fui ouvida, nunca mais fiquei sozinha. Nessa mesma tarde, alguns amigos de Rimini vieram a nossa casa, à noite no terço pela minha mãe estavam ligadas 300 pessoas; nos dias seguintes juntou-se a nós uma companhia, verdadeira e viva, que me impediu de negar a existência de Deus. Deus fez-Se carne para mim em todos aqueles rostos. Depois de três dias sedada, acordaram a minha mãe e ela, uma vez informada da situação, fez acontecer o segundo grande milagre; lembrou-se que pertence a Outro e confiou a sua vida nas Suas mãos. Numa mensagem de voz, dizia: quer eu viva, quer eu morra, eu sou Sua, eu sou de Cristo. “Aceito fazer a Sua vontade, que é um pouco puxada, mas Ele foi crucificado por mim, por isso posso aceitar isto. Esta é a certeza granítica da minha vida”. Aqueles dias, que deveriam ser os dias mais dolorosos da minha vida, na verdade foram os mais belos, porque eu sabia que a minha mãe estava nas mãos de Alguém que sabe o que está a fazer, que venceria o mal, o que quer que acontecesse, e abraçaria o meu grito como no primeiro dia. Quando a minha mãe morreu, tudo se tornou ainda mais claro. No meu desespero humano, eu era chamada, e não conseguia não sorrir, não estar grata, não amar a minha vida e a sua morte. Que fique claro que esta certeza não é uma coisa que acontece de uma vez por todos, porque mal voltei à vida quotidiana, à escola e aos novos deveres, caí novamente na raiva e na tristeza. Passados três segundos voltei a carregar o meu destino aos meus ombros e tentei safar-me sozinha. Mas o meu coração gritava e Ele respondeu de novo, e de novo me recordou que eu não tenho nada nas minhas mãos, salvando-me através da única coisa que não tinha sido eu a preparar, um encontro inesperado. Eu tenho fome de Cristo, da plenitude que só Ele me pode dar; e tenho sempre essa fome, em cada instante da minha existência, sive vivo, sive morior. Esta certeza não é comparável ou substituível por nenhuma coisa do mundo, nem sequer pela minha mãe, e eu desejo tê-la para sempre.

Creio que não há muito mais para acrescentar: Cristo, encontrado, conhecido porque está presente na realidade do Seu Povo e no Seu Corpo que é a Igreja, por meio do batismo, liberta-nos do pecado, da morte, do medo, torna-nos já nesta vida participantes da Sua Ressurreição.

Hoje à tarde, então, que os vossos olhos estejam arregalados e os vossos corações e a vossa liberdade estejam dilatados, porque na *Via Sacra* contemplaremos toda a dinâmica descrita até aqui, toda a obra da salvação; da Sua encarnação dentro da história do povo de Israel, da Sua paixão, da Sua crucifixão e da Sua descida aos infernos. Chamo-vos a atenção, também, mais uma vez, para o silêncio, sobretudo no caminho entre as estações, conservem no coração o que o Espírito Santo faz acontecer no vosso coração, através da escuta dos cânticos, das leituras e das meditações.

Muito obrigado pela vossa atenção!